

Revista Electrónica Actividad Física y Ciencias
Año 2015 Vol 7. Nº 2

**IMAGEM CORPORAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA
PRATICANTES DE DANÇA SOBRE RODAS**

**BODY IMAGE OF PEOPLE WITH PHYSICAL DISABILITIES WHO PRACTICE
DANCE IN WHEELCHAIR**

Autores:

Leila Marcia Azevedo Nunes
nunes.leila@hotmail.com Manaus-Brasil.
Lionela Da Silva Corrêa – Silva
liofef@hotmail.com Manaus-Brasil.
Enoly Cristine Frazão Da Silva
enolycris@hotmail.com Manaus –Brasil.
Kamila Pimentel dos Santos
milapimentel@hotmail.com Manaus –Brasil.
Kathya Augusta Thomé Lopes
klopes@ufam.edu.br Manaus-Brasil

RESUMO

O objetivo do estudo foi avaliar a imagem corporal de pessoas com deficiência física praticantes de dança sobre rodas a partir da percepção do próprio sujeito. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram alunos participantes do Projeto DEPD (dança esportiva para pessoas com deficiência). Para coleta de dados foi utilizada a escala de *catexe corporal*, que é um questionário onde avalia o sujeito através de pontuações, variando de 1 a 5 de acordo com a escala tipo *Likert*, esse questionário contém 46 perguntas. Nessa primeira análise observou-se que a maioria estava satisfeita/muito satisfeita nos quesitos a seguir: Aparência global (menos cabelo e peso), membros (menos pernas), e qualidades físicas. E mostraram-se insatisfeitos (não gosto) com tronco e funções corporais. Esse trabalho apresenta a primeira avaliação dos sujeitos da pesquisa que aconteceram antes das intervenções. Os sujeitos serão submetidos novamente ao questionário após 6 meses e sofrerão intervenção com aulas de dança. A dança é um aliado imprescindível na comunicação e exteriorização de sentimentos que muitas vezes estão reprimidos nos indivíduos.

Palavras-chave: Pessoas com deficiência; Imagem corporal; Dança

ABSTRACT

The purpose of this study was to evaluate body image of people with physical disabilities who practice dance in wheelchair from the perception of the subject itself. The subjects were students who participating in the DEPD project (Dancesport for people with disabilities). Scale body cathexis was used to data collect, this questionnaire scores by Likert scale of 1 to 5 and has 46 questions. In the first analysis it was observed that most were satisfied / very satisfied the following criteria: overall appearance (but not hair and weight), members (but not legs), and physical qualities. And they were unhappy (don't like) stem and body functions. This study presents the first evaluation of the subjects that happened before the interventions. The subjects will answer again after six months of participation in dance classes. Dance is fundamental to communication and externalization of feelings that are often suppressed.

Keyword: people with disabilities; body image; dance.

INTRODUÇÃO

A dança para pessoas deficientes é recente e apresenta gradação de acordo com o contexto em que é desenvolvida. Esses contextos são muitos e podem ter os mais variados objetivos. Entre eles é muito comum o desenvolvimento da dança como fisioterapia em clínicas de reabilitação, como meio de socialização em programas de integração, como arte e esporte, divulgado pelos comitês estaduais e municipais. (Poloni, Tavares e Ferreira 2005)

A dança em cadeira de rodas, por exemplo, é uma modalidade que se iniciou no Brasil, a partir de 1990. Ela é praticada em mais de 15 estados com a participação aproximada de 200 dançarinos com deficiência física. Esta modalidade vem sendo desenvolvida por grupos independentes vinculados às Universidades, Associações de Deficientes, Prefeituras Municipais, Centros de reabilitações e algumas escolas de Dança (Ferreira e Ferreira, 2004).

Imagem corporal é abrangente e complexo. Pode ser compreendida como a representação mental do corpo do indivíduo (Schilder, 1999 como citado em Barbosa, Motta e Mota, 2011); ou como a síntese viva das experiências emocionais do indivíduo (Dolto 1984, como citado em Barbosa, Motta e Mota, 2011).

Pode-se encontrar na dança fatores fundamentais para construção da imagem

corporal uma vez que os movimentos circulares, a contração e o relaxamento dos músculos, o movimento do corpo a favor ou contra a força de gravidade, os impulsos centrífugos da dança, e os movimentos rápidos, implicam em reações visuais e vestibulares que favorecem a imagem corporal (Tavares, 2001).

Na relação da dança praticada por deficientes físicos, Félix e Duarte (2005) aponta ganhos individuais no que diz respeito à tomada de consciência corporal e conseqüentemente da vida, favorecendo a revalorização por parte da sociedade em relação a essas pessoas, que vêm dentro de um contexto histórico e social, sendo vítimas de exclusão e discriminação. Portanto, o objetivo do estudo foi avaliar a imagem corporal de pessoas com deficiência física praticantes de dança sobre rodas a partir da percepção do próprio sujeito. O objetivo dessa pesquisa foi avaliar a imagem corporal de pessoas com deficiência física praticantes de dança sobre rodas a partir da percepção do próprio sujeito

METODOLOGIA

O estudo foi realizado com cadeirantes participantes do projeto de extensão Dança esportiva para pessoas com deficiência – DEPD, da Faculdade de educação física e fisioterapia. Esse projeto teve início em 2014 oferecendo dança para pessoas com deficiência dividida em três grupos: deficiência intelectual, deficiência visual e deficiência física/cadeirantes que tem por objetivo proporcionar o desenvolvimento das potencialidades motoras e expressivas de pessoas com deficiência através da prática da dança, possibilitando compreensão da estrutura e do funcionamento corporal, o autoconhecimento, a autoestima, a socialização, além do desenvolvimento da consciência e da construção da sua imagem corporal.

A turma de dança em cadeira de rodas é composta por 11 alunos, sendo duas do gênero feminino e nove do gênero masculino.

Os critérios de inclusão foram: Sujeitos com deficiência física participantes do DEPD com idade igual ou maior que 18 anos, que aceitem participar da pesquisa.

Para critérios de exclusão foram utilizado: sujeitos que desistirem de participar da pesquisa ou com menos de 75% de frequência no projeto. Dessa forma ao final da pesquisa ficaram seis sujeitos

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foi a escala da catexe corporal de

Secord e Jourard, que avalia o grau de satisfação ou insatisfação de partes corporais e funções corporais. Essa escala é composta de 46 itens que foram formuladas em conjunto com uma escala de *Likert*, de 5 pontos, assim dispostos: 1 = Tenho um forte sentimento de desejo de mudança; 2 = Não gosto, mas posso conviver; 3 = Não tenho particular sentimento sobre uma coisa ou outra; 4 = Estou satisfeito; 5 = Considero-me muito satisfeito (Barbosa, 2003).

Para examinar a relação entre deficiência física e estima corporal foi utilizada *Physical Disability Body Esteem Questionnaire* – PDBEQ (Questionário sobre Deficiência Física e Estima Corporal). Este instrumento consta de 13 itens que também foram contruídos em conjunto com uma escala de *Likert*: 1 = concordo plenamente, 2 = concordo, 3 = discordo, 4 = discordo plenamente. Este questionário foi traduzido e analisado por 5 especialistas da UNESP (Cuba, 2008). O estudo obedeceu à metodologia dos instrumentos, tendo como base as escala de valores numéricos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar a deficiência física e estima corporal, as questões relacionadas a atração sexual (Questões 1, 4, 8, 9,11) mostraram-se em geral positivas com escore médio de 3,0 a 3,7 exceto na questão “Se uma pessoa me dissesse que eu sou sexy eu duvidaria dela” em que apresentou uma média de 2,5 pontos. As questões relacionadas ao conforto com o próprio corpo (3, 7 e 13) também se apresentaram de forma positiva. E nas questões relacionadas à comparação com o corpo “normal” (2,5, 6, 10 e 12) em três questões as médias dos escores foram mais positivas (Eu invejo pessoas com o corpo “normal”; deficientes físicos têm corpos menos atraentes do que a população “normal”; e Se eu pudesse trocava de corpo com uma pessoa não deficiente) e duas questões mais negativas (Minha deficiência torna meu corpo mais interessante e minha aparência seria melhor se eu não tivesse uma deficiência física) conforme a tabela 1.

Tabela 1: média das afirmativas por questões

Questões	Antes
1 Minha deficiência me faz sentir menos atraente	3
2 Eu invejo pessoas com o corpo “normal”	3,7
3 Eu me sinto confortável com as partes do meu corpo mais afetadas pela minha deficiência	2,3

4 Se uma pessoa me dissesse que eu sou sexy eu duvidaria dela	2,5
5 Minha deficiência torna meu corpo mais interessante	2,8
6 Pessoas com deficiência têm corpos menos atraentes do que a população “normal”	2,8
7 Eu evito espelhos porque eles me lembram da minha Deficiência	3,5
8 Minha deficiência física é um desestimulante sexual	3,7
9 Minha deficiência faz meu corpo parecer feio	3,3
10 Se eu pudesse trocaria de corpo com uma pessoa não deficiente	3,5
11 Não sinto atração por pessoas com deficiência física	3
12 Minha aparência seria melhor se eu não tivesse uma deficiência	2,3
13 Eu tento esconder minha deficiência sempre que possível	3,8

Percebe-se a partir desses resultados que as questões mais negativas estão relacionadas à comparação com o corpo normal. Os deficientes físicos, na maioria das vezes, são considerados distantes do modelo de corpo ideal, ditado pelos padrões da sociedade contemporânea, sobretudo, pelas diferenças em seu corpo, que, normalmente, não são aceitas como ideais.

Constantemente, percebemos que alguns deficientes físicos são excluídos do convívio social por não se enquadrarem no estereótipo do corpo perfeito. Isto pode provocar alterações em sua imagem corporal, já que esta, como afirma Tavares (2003), é a representação mental da identidade corporal e é influenciada por aspectos fisiológicos, sociológicos e emocionais.

Apesar do avanço da medicina, de acordo com Pacheco e Alves (2007), que favoreceu uma leitura organicista da deficiência o preconceito, embora muitas vezes apareça com outra configuração, ainda ocorre nos tempos atuais. A sociedade, segundo Buscaglia (1997), define a deficiência como uma incapacidade, algo indesejado e com limitações para quem a apresenta, geralmente, maiores do que as realmente existentes, já que é ela quem define os padrões de beleza e perfeição.

Em relação aos itens da *catexe*: cabeça, tronco, membros, funções corporais, qualidades físicas, e aparência global. Pode-se observar que os sujeitos apresentaram

mais insatisfação era em relação ao tronco e funções corporais, conforme mostra a tabela 2.

Tabela 2: média da catexe por itens

Cabeça	Tronco	Membros	Funções corporais	Qualidades físicas	Aparência global
3,8	3,6	3,8	3,7	3	3,7
3,8	4	4	3,7	4	3,3
3,7	3,1	4	2,8	4	2,9
4,1	4	4	4,6	5	4,1
3,5	1	1,8	2,6	1	2,3
3,7	3,1	4	2,4	4	2,9

Infere-se que a falta de função nas pernas é um dos principais fatores que contribui para esse item ser avaliado de forma negativa, fazendo com que o deficiente não esteja de bem com sua imagem corporal. Segundo French e Phillips (1991), a deficiência física acarreta para a pessoa uma série de mudanças sociais, físicas e psicológicas que alterarão o modo como o deficiente vê o seu corpo.

A deficiência física traz para o indivíduo um novo corpo, com novas habilidades, capacidades e limitações. Para Rosillo e Fogel (1971, como citado em Beeken, 1978), além das alterações nas experiências corporais, são vários os fatores que influenciam no modo como esse indivíduo irá adaptar-se à lesão. Os principais fatores envolvidos são a aparência física, a vergonha, o conflito de valores com as pessoas próximas importantes, e a importância delegada ao funcionamento físico.

No geral pessoas com deficiência física apresentarão imagem corporal inferior a média da população, comparando os resultados do presente estudo com a população de idosos, por exemplo, no estudo de Gondin et al (2011), em que avaliou a imagem corporal de idosos praticantes de um programa de hidroginástica, observou-se que a este é mais positiva que os cadeirantes.

Apesar de que os idosos sentirem o impacto do envelhecimento, ou seja, uma queda da performance, da aptidão física e o aparecimento de algumas doenças, o

deficiente físico, muitas vezes em idade reprodutiva, são acometidos pelo comprometimento de membros inferiores (Gondin et al, 2011)

O mesmo acontece ao comparar os resultados do presente estudo mulheres com câncer de mama, as mulheres que enfrentaram a doença apresentaram imagem corporal mais positiva que os cadeirantes segundo Oliveira et al (2010). Uma vez que, após a cura, elas retomam de onde pararam, vão atrás da feminilidade perdida durante o tratamento, mesmo perdendo uma mama ou as duas, elas conseguem continuar suas vidas, para os cadeirantes essa aceitação pode ser mais difícil. No entanto espera-se que a prática de dança possa favorecer a imagem corporal do deficiente.

A partir desses resultados, os sujeitos serão submetidos novamente ao questionário após 6 meses de intervenção com aulas de dança, espera-se que a dança influencia de forma positiva a imagem corporal uma vez que Braga et al (2002) aponta alguns benefícios da dança esportiva para pessoas com deficiência física tal qual a expressão de sentimentos; interação do indivíduo consigo mesmo e com os outros, propiciando a inclusão social; manutenção e melhora da qualidade de vida; melhora das qualidades físicas como esquema corporal, equilíbrio, ritmo, coordenação motora, organização espacial e flexibilidade; além do autoconhecimento.

Nesse contexto a dança pode proporcionar diferentes vivências, transcendendo os movimentos praticados nas aulas, podendo ganhar diferentes significados para quem dança. Pois de acordo com Gaio (2006) a dança possibilita de movimentos livres, que nascem pela vontade de se comunicar por meio dos gestos, das expressões que emanam dos sentimentos, dos valores gerados pelo cotidiano, pelas dificuldades e pelos prazeres de viver, remete-nos ao encontro com a outra e com os outros e, mais do que uma simples coreografia, ela constrói realidade social, cultural, política, enfim, aborda uma temática que pode ser uma linguagem voltada a transformações da própria existência dos seres humanos, por isso é subjetivo.

A dança entra como aliado imprescindível na melhora da imagem corporal, uma vez que ao dançar você interage com o meio e com outras pessoas. Pode ainda ser entendida como uma forma de comunicação, uma forma de se fazer presente diante de situações inusitadas. Ao dançar o cadeirante coloca-se em evidência novamente, resgata sua imagem que muitas vezes estava esquecida, pois o fato de ter adquirido ou não a deficiência física, o torna muitas vezes desacreditado de si mesmo. A imagem corporal atual, não será a mesma de antes. Uma vez que a deficiência física compromete membros

inferiores, tronco e postura isso influencia na manutenção da plena imagem que eles têm de si.

Dançar é falar com a alma, é transformar um sentimento em movimento e movimento é tudo que os deficientes físicos precisam para não atrofiar musculatura, melhorar flexibilidade e assim facilitar os seus deslocamentos diários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando as funções do corpo estão fora do “normal”, podem aparecer as fragilidades e o desequilíbrio emocional, pois ninguém gosta de se encontrar fora dos padrões. E para os deficientes físicos não é diferente, eles por se encontrar em uma situação não muito favorável, se cobram mais ainda. A questão da aparência é muito evidente na nossa sociedade.

O resultado obtido nesse primeiro momento já era esperado, uma vez que, os deficientes físicos se esbarram em sentimentos negativos tais como: timidez, vergonha, preconceito, insegurança. Isso no decorrer das aulas foi sumindo. A convivência com outras pessoas que compartilham dos mesmos sentimentos e problemas, a rotina que foi alterada, pois antes apenas só saiam de casa para ir a médicos, fisioterapia e às vezes para uma atividade extra que muitas vezes não os incluíam. A dança lhes proporcionou essa sensação de bem estar e de satisfação corporal.

Dançar é falar com a alma, é transformar um sentimento em movimento e movimento é tudo que os deficientes físicos necessitam para não caírem num marasmo. Dançar é evidenciar-se, é mostrar-se para o mundo, é colocar-se como figura principal e não como coadjuvante.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, R. M. (2003). *Avaliação da Catexe Corporal dos Participantes do Programa de Educação Física Gerontológica da Universidade Federal do Amazonas*. (Tese de Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas.
- Barbosa, R. P., Motta, R. C. & Mota, N. M. (2011). Elementos básicos do eu-corpo. In: Barbosa, R. M. & Lima, L. M. B (Org.). *Eu-Corpo* (pp. 21-66). São Paulo: Phorte.
- Beeken, J. E. (1978). Body Image changes in Plegia. *Journal of Neurosurgical Nursing*. Chicago, 10(1): 20-22.
- Buscaglia, L. (1993). *Os deficientes e seus pais: Um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record.
- Cuba, B. W. (2008). *Imagem corporal de pessoas com Deficiência física atletas e não Atletas*. (Trabalho de Conclusão de Curso) Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro.
- Felix, A. A. & Duarte, G. (2005). Um/dança: A dança na vida de dançarinos deficientes e não deficientes. In: *Anais do IV Simpósio Internacional de Dança em cadeira de rodas*. (p. 102). Juiz de Fora, MG.
- Ferreira, E. L., & Ferreira, M. B. (2004). A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. *R. bras. Ci. e Mov.* Brasília, 12 (4): 13-17.
- French, J. K., Phillips, J. A. (1991). Shattered Images: Recovery for the SCI Client. *Rehabilitation Nursing*, Malden, 16(1): 134-36.
- Giraldi, A., & Souza, M. A. C. (2011). Dança para cadeirantes: um exemplo de superação. *Revista da Unifebe (Online)*, Santa Catarina, 9(1):188-197.
- Gondin, M. R., Cunha, S. F. S., Souza, S. G., Schmidt, A., & Barros, D.D. (2011). Percepção da imagem corporal de idosas praticantes de um programa de hidroginástica. *R. digital EFDeportes Buenos Aires*, 15(153). Recuperado de <http://www.efdeportes.com>
- Oliveira, L.C. (2010). Câncer e imagem corporal: Perda da identidade feminina. *Revista Rene*, 11(especial): 53-60.
- Pacheco, K. M., & Alves, V. L. (2007). A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. *Acta Fisiatr*, São Paulo, 14(4): 242-248.
- Tavares, M. C. (2001). A imagem corporal e a dança. *Revista Conexões*. 1(6): 10-22.
- Poloni, R. L., Tavares, M. C. G., & Ferreira, E. L. (2005). As funções da experiência corporal da dança em cadeira de rodas: perspectivas dos professores e alunos. In: *Anais do IV Simpósio Internacional de Dança em cadeiras de rodas* (p. 50). Juiz de Fora, MG.